



DEUSA VIVA

Uma publicação do Círculo de Mulheres da Teia de Thea
Lua Cheia, Novembro de 2013, nº 172

As Senhoras Brancas, As Mulheres-Elfo*

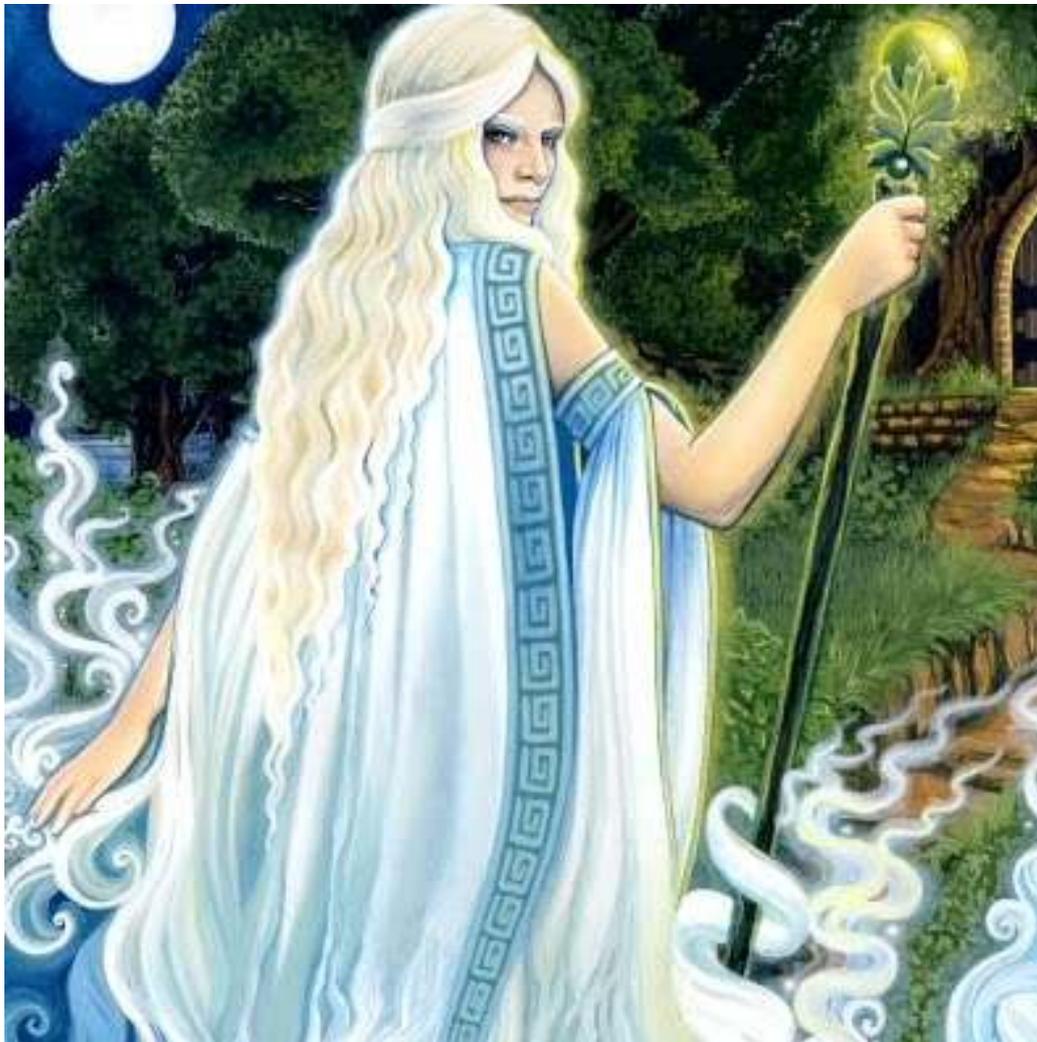
(Weisse Frauen)

 Mirella Faur

O intervalo entre o solstício de inverno e o Ano Novo era celebrado nas culturas antigas do hemisfério Norte como “os doze dias brancos”, caracterizados pela ambiguidade, o conflito entre caos e ordem, bem e mal, fim e recomeço.

Durante os “doze dias” as deusas Holda e Berchta – ou Perchta – (as “Senhoras Brancas”) conduziam suas carruagens de vento e neve, envoltas em neblina branca, abençoando e ativando a fertilidade da terra, trazendo presentes para os trabalhadores e punindo os preguiçosos. Lendas e contos de fada germânicos descrevem as

“Senhoras Brancas” como lindas criaturas etéreas, semelhantes aos elfos, vestidas de branco, que apareciam durante os dias ensolarados, penteando seus longos cabelos dourados e conferindo riquezas, pedaços de ouro, para aqueles que mereciam. Estes personagens eram resquícios dos antigos arquétipos das deusas, que, por serem proibidos p e l o



cristianismo, foram reprimidos e depois esquecidos, sobrevivendo apenas no folclore e na literatura. Nos tempos antigos as mulheres não trabalhavam nos “doze dias” e celebravam as “treze noites” com rituais para o fortalecimento feminino, tecendo novos projetos no silêncio e na introspecção da escuridão, que depois eram abençoadas pelas “Senhoras Brancas”, que regiam este período.

Os nomes das “Senhoras Brancas” - que representavam antigas deusas anciãs - variavam entre *Holda*, *Hölle*, *Huldra*, *Berchta*, *Perchta*, *Percht* em função dos lugares

em que eram cultuadas. A sua descrição também diferia, tendo em comum estas características: pele enrugada, cabelos brancos em desalinho, nariz e queixos pontudos e penetrantes olhos azuis. Suas atitudes podiam ser benévolas ou maldosas em função das suas atribuições como: acelerar ou recompensar o trabalho das mulheres, ativar a fertilidade (da terra, dos animais e seres humanos), punir a preguiça,

cobiça, gula, injustiça ou maldade. Contava-se que elas apareciam sobrevoando os campos e as comunidades, cavalgando lobos, javalis ou raposas, “dirigindo” um pilão ou uma peneira ou conduzindo a “Caça Selvagem”. Chamada de *Perchtenjagd* esta cavalgada noturna e fantasmagórica era composta de seres sobrenaturais e espíritos humanos (de pessoas mortas ou desdobramentos astrais de xamãs, magos e bruxos, e recolhia as almas perdidas ou recém-falecidas).

As “Senhoras Brancas”, portanto, eram as reminiscências dos antigos arquétipos das deusas anciãs, que se deslocavam no ar durante as noites de lua cheia carregando fusos, predizendo a sorte ou transmitindo antigos conhecimentos. Elas ensinavam à humanidade os segredos da agricultura, das artes domésticas (fiar, tecer, bordar, trabalhar a argila, colher ervas, preparar poções e cataplasmas), cuidar e curar as crianças, manter vivas as tradições ancestrais e os antigos ritos de passagem femininos. As mulheres lhes ofertavam pão, mel, leite, mechas dos seus cabelos (substituídas depois por tranças de pão), ervas e grãos.

Assim como a deusa Frigga, as Senhoras Brancas eram associadas às artes de fiar e tecer, antigas atividades mágicas e artesanais das mulheres nórdicas, como expressões dos seus poderes proféticos, criativos e sustentadores dos ciclos lunares, das estações e da vida humana. Fiar era um processo cíclico, assim como é a alternância das fases lunares, das estações, da vida e da morte, do início e do fim. Tendo o fuso como símbolo de poder, as Deusas anciãs controlavam e asseguravam a ordem cósmica, os ciclos naturais e a continuidade do mundo. Na Escandinávia, Alemanha, Áustria, Suíça e nos países bálticos permaneceram várias lendas e tradições da tecelagem como uma arte mágica feminina, além das superstições e proibições ligadas ao ato de fiar. As lendas das deusas Holda, Holle, Perchta, Latva, Habetrot – que puniam as preguiçosas espetando-as com seus fusos – serviam como incentivo para o trabalho e prometiam recompensas para aquelas que caprichavam na sua arte. As histórias contadas nas longas e escuras noites de inverno, quando as mulheres se reuniam para fiar ou tecer, preservaram o legado ancestral, que permanece até hoje nos contos de fada e nas imagens de fadas benévolas ou vingativas. Em diversas bracteate de ouro do século VI, encontradas na Alemanha e usadas como amuletos, aparecem figuras femininas segurando objetos ligados ao ato de fiar e tecer, reminiscências das deusas tecelãs pré-cristãs. No período Viking, devido às permanentes preocupações com batalhas, invasões e perigos, as atividades de fiar e tecer foram associadas aos desfechos dos combates e vistas como presságios do destino.

O papel importante desempenhado pela tecelagem na



vida das mulheres – desde o período neolítico ao longo de milênios – e o processo pelo qual o fio é criado pelo giro do fuso e da roda, seguido do ato de tecer várias padronagens em diversas cores, o tornaram um símbolo descritivo na criação da ordem cósmica e na determinação dos destinos. As mulheres associavam a simbologia dos fios com o nascimento das crianças, os elos evidentes entre tecer e parir sendo os cordões umbilicais, que deviam ser cortados, para que um novo fio de vida começasse, fio este que também iria ser cortado no momento da morte pelas “Senhoras do Destino”. Por ser o fuso um símbolo feminino e atribuído a várias deusas, criou-se a associação entre fiar, magia e os seres sobrenaturais, como fadas, elfos, anões.

As deusas pré-cristãs associadas com as atividades de fiar e tecer como *Holda*, *Frau Holle*, *Berchta*, *Percht*, *Frau Gode*, além de serem as orientadoras das tecelãs (premiando as trabalhadoras e punindo as preguiçosas) eram conhecidas também por outros aspectos sombrios ligados à punição. Contava-se nas lendas que elas abriam o estômago e o enchiam com palha ou serragem daqueles “transgressores” que cortavam lenha, teciam, coziavam ou lavavam roupas nos “doze dias brancos” ou durante os festivais da Roda do Ano ou que comiam seus pratos preferidos nos dias a elas consagrados. As crianças rebeldes ou que não comiam bem, eram ameaçadas com esta imagem de

punição ou com a conhecida história de serem “levadas dentro de um saco” por uma das anciãs. Apesar destas descrições sinistras, as “Senhoras Brancas” eram guardiãs das crianças, ninando-as quando choravam de noite, guardando as almas delas nos seus poços entre as encarnações, ajudando as mães nos partos ou entregando presentes às mulheres e às crianças nos dias das suas comemorações.

As “Senhoras Brancas” eram também associadas com o ato de arar a terra, sendo invocadas nas cerimônias de bênção dos arados. Em muitas lendas elas eram descritas voando sobre um arado, acompanhadas de espíritos infantis, das crianças que morreram sem serem batizadas ou das não nascidas, que ficavam abrigadas nos seus poços encantados. Algumas delas apareciam para visitar as casas na noite de Natal, procurando as oferendas de pão, leite e mel deixadas para elas em lugares especiais; pela maneira que elas deixavam os talheres depois de “comer” eram feitas previsões, enquanto o leite que sobrava era dado para galinhas e vacas para aumentar sua produção, por ter sido abençoado pela sua passagem. Existiam crenças sobre a atuação destes seres sobrenaturais sobre o clima, a neblina sendo a fumaça dos seus fogões, a neve, penas caindo quando sacudiam colchões e travesseiros (que nos países nórdicos eram recheados com penas de ganso) e o trovão provocado pela preparação barulhenta do linho (as hastes das plantas eram socadas com paus para soltar as fibras).

Todas estas lendas são fontes importantes para a compreensão das antigas crenças, costumes e cultos das deusas anciãs, que supervisionavam as atividades domésticas e artesanais e cuidavam de mulheres e crianças. Muitos destes costumes e crenças foram incorporados nas descrições de santos cristãos, assim como foram adotadas as datas do calendário pagão para as festas cristãs. Na adoração de Maria e de diversas santas, durante muito tempo, as mulheres continuaram levando seus pedidos acompanhados das oferendas costumeiras para as deusas. São provas as que foram encontradas em várias capelas cristãs constituídas de grãos, queijo, manteiga, mel, leite, ovos e pão, além das fitas, tranças e pedaços de roupas deixadas perto das fontes curativas.

Enquanto existem muitas referências, pesquisas e descrições das oferendas de

armas, armaduras e objetos do período Viking, achados em lagos e pântanos, pouco se sabe sobre as oferendas deixadas para as deusas, pois além dos ornamentos e jóias de ouro e âmbar, mechas de cabelo e ferramentas para tecelagem, a grande parte das oferendas era feita de alimentos e coisas perecíveis.

Holda - A Tecelã*

(Holle, Hulla, Hulda, Huldr, Frau Harke)

No folclore germânico, resgatado pelos contos de fada dos irmãos Grimm, *Frau Holle* é a patrona sobrenatural da tecelagem, do nascimento de crianças e de animais domésticos, associada também com o inverno, magia e a “Caça Selvagem”, equivalente das deusas escandinavas *Huldra*, *Huld* ou *Holda*. Estes nomes foram encontrados na Alemanha em inscrições em latim datadas entre 197-235 d.C. e foram relacionados com os arquétipos escandinavos de *Hlodyn* (deusa da terra e mãe de Thor), com *Nerthus* e principalmente com *Frigga* devido aos seus nomes complementares de *Frau Goden* e *Frau Frekke*, na sua qualidade de dirigente da “Caça Selvagem”. Existe também uma similitude de simbolismo e etimologia entre o termo alemão *Holl(d)a*, o inglês arcaico *Hella*, ambos relacionados à morte e a morada dos mortos e o gótico *Hultha*, significando “dobrar, inclinar”. Em lendas e histórias populares, encontradas em várias regiões da Alemanha, Holda assume além dos nomes citados no título os de *Frau Berchte*, *Frau Percht* e *Striga Holda*.

Qualquer que seja o seu nome, Holda é uma deusa multifacetada, ela pode aparecer como uma mulher



radiante se banhando ao meio-dia num lago, ou como uma velha avó que conduz sua carruagem no meio da névoa ou nas tempestades. As moças que fiavam e teciam com afinco podiam contar com sua ajuda para terminarem mais rapidamente suas tarefas, mas as preguiçosas a temiam, por dela receberem castigos, como o trabalho desfeito, os fusos quebrados ou os fios embolados. Na Idade Média ela foi transformada na bruxa malvada que conduzia a “Caça Selvagem” composta de bruxas, pagãos e almas de crianças não batizadas. No folclore nórdico ela é descrita como a mãe das semideusas Thorgerd e Irpa, uma mulher idosa vestida de branco, oculta na neblina ou a “Senhora dos *Huldre folk*”, os espíritos guardiões das colinas e montanhas.



Porém o seu maior realce é como padroeira das tecelãs, a atividade feminina associada com a magia e o mundo sobrenatural. Holda ensinou as mulheres a transformação das hastes de linho em fios, bem como a arte do seu cultivo, do fiar e tecer, por isso é assemelhada com Frigga, que governava as atividades domésticas, o uso de lã na tecelagem e também cuidava das mulheres. A tecelagem era uma importante atividade das mulheres nórdicas, que lhes permitia ganhar dinheiro, além de providenciar roupas e cobertas para os familiares. Mesmo após a revolução industrial, tecer era um símbolo da virtude feminina. Ela era celebrada na véspera de Natal (a versão cristã da antiga *Modersnatt* ou *Modranicht*– “A noite da Mãe”), durante os “doze dias brancos” ou na “décima segunda noite” correspondendo à Epifania cristã. Neste período era proibido fiar, o trabalho sendo reassumido depois.

Holda personificava o tempo que modificava a terra, trazendo neve quando sacudia seus travesseiros, chuva quando lavava roupas, neblina quando acendia seu

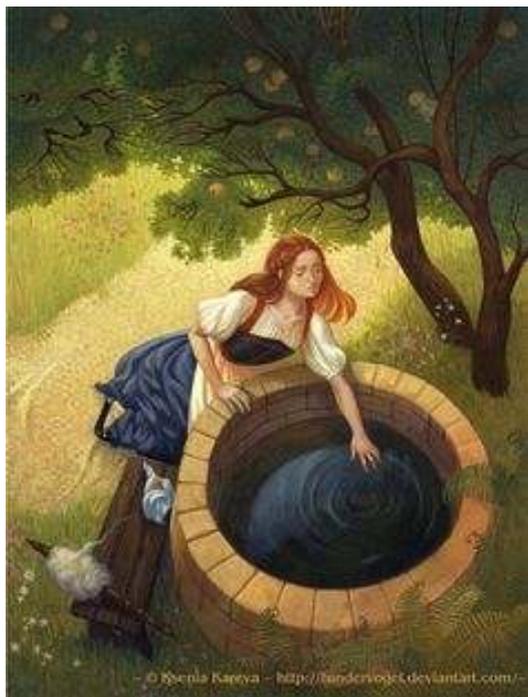
fogão, tempestades quando andava na sua carruagem, trovões e chuva, quando socava o linho deixado de molho no rio. Ela aparecia geralmente de duas formas: uma moça vestida de branco ou uma velha com nariz afilado e dentes grandes e proeminentes, com roupa cinza ou preta e cabelos desgrenhados. No seu aspecto benevolente e gentil, ela é jovem e faz aparecer o Sol quando penteie seus longos cabelos louros, ou passeia na carruagem dourada puxada por joaninhas. No seu aspecto sombrio, como uma velha brava e feia, tendo um pé deformado pela roda de fiar, ela trazia um fuso comprido para espetar as tecelãs preguiçosas ou embaralhava seus fios. Holda é associada com fontes, poços – onde guarda as almas das crianças não nascidas – e lagos, onde poderia ser vista na sua manifestação como a “Dama Branca” envolta em neblina. As mulheres que desejavam engravidar se banhavam nestes lagos, implorando as bênçãos de Holda e lhe ofertando fusos e linho.

Enquanto no Norte da Alemanha Holda é descrita como a “Condutora da Cavalgada dos Mortos”, no Sul ela aparece cercada pelos espíritos das crianças (não nascidas ou mortas sem batismo). Existem muitas referências sobre a sua conexão com Frigga, Holda sendo considerada às vezes como o aspecto sombrio e ancião da gentil e graciosa *Frikka*, cujo culto sobreviveu nas regiões em que foram registrados séculos depois as lendas de Holle e Perchta. São estas lendas que permitiram o resgate dos atributos e atividades de Frigga, pois apesar dos cultos das deusas terem sido suprimidos pelo cristianismo, seus resquícios sobreviveram, adaptados e preservados nos contos de fada.

Devido à sua associação com o mundo sobrenatural, através das atividades de fiar e tecer, o arquétipo de Holda foi preservado no folclore cristão alemão como a “Rainha das bruxas” que voava na sua vassoura e conduzia os espíritos femininos para as reuniões nas noites de lua cheia, nas clareiras das florestas, no topo das colinas ou nos círculos de menires. Documentos medievais a identificaram como Diana, Aradia, Herodias, Abundia ou Habondia, consideradas as padroeiras das bruxas, cujas adeptas foram julgadas e condenadas como seres maléficos e perigosos para a sociedade cristã, torturadas e depois queimadas nas termidas fogueiras da Inquisição.

A mais famosa lenda de Holda foi contada pelos irmãos Grimm e descrita como *Frau Holle* ou *Mother Hulda*. Uma mãe tinha duas filhas, a mais velha mimada e preguiçosa, a caçula mal amada e explorada, tendo que fazer sozinha todas as tarefas domésticas, inclusive fiar diariamente montes de linho. Um dia, ela espetou o dedo com a ponta do fuso e quando foi lavar o sangue na água do poço, ao cujo lado ficava fiando, o fuso lhe

escapou da mão e mergulhou nas profundezas da água escura. Temendo ser punida, ela pulou no poço para procurar o fuso, mas descobriu-se entrando no mundo encantado de Holda, onde permaneceu por algum tempo, trabalhando para ela. Impressionada pela eficiência do seu trabalho rápido e bem feito, Holda encheu o avental da moça com ouro e a enviou de volta para sua casa. Cheia de inveja e cobiça, a mãe enviou a outra filha para repetir o feito da caçula e trazer mais ouro. Ela, no entanto, era preguiçosa e Holda puniu a sua natureza lerda e indisciplinada cobrindo-a com piche, antes de mandá-la de volta para a sua mãe.



Atualmente as mulheres não precisam mais executar as duras tarefas domésticas, agrícolas e artesanais das suas ancestrais; mesmo assim, elas podem se conectar e invocar as bênçãos e a ajuda de Holda, principalmente nos preparativos para o Novo Ano. Para seguir a antiga tradição, a casa deve ser limpa antes de Natal, preparando as comidas tradicionais que incluíam biscoitos de aveia, bolinhos com gengibre cobertos com açúcar de confeitiro (imitando a neve), panquecas com mel e manteiga e chá de sabugueiro.

Holda pode ser invocada para encantamentos relacionados ao tempo (desde que seja respeitado o equilíbrio ecológico e sempre em benefício da Natureza e não dos interesses pessoais), na celebração do solstício de inverno, para abençoar e conduzir atividades artesanais e criativas, para proteger as parturientes e as crianças (antes e depois de nascerem).

* Textos originalmente publicados no livro *Ragnarök. Crepúsculo dos Deuses*, de Mirella Faur. Editora Cultrix.



Mãe Terra

por Helena Maltez*

Semente, a base da vida. A quem pertence?

Fui conhecer o sítio de Dona Rita e Seu Geraldo no Assentamento Dom Helder, Murici, Alagoas. São agricultores familiares. Eles não precisam viver na roça. Suas aposentadorias podem mantê-los na cidade. Vivem na roça porque gostam, porque querem, porque têm um sentimento de satisfação ao plantar e colher, porque têm um senso de responsabilidade com a necessidade de produzir a nossa comida. Dona Rita é uma conhecedora das plantas e amante das florestas.

Seu Geraldo, empolgadíssimo, me apresentou todas as atividades realizadas no sítio. Os plantios de coco, laranja, cará, mandioca, macaxeira, palma. A criação de cabras e a de galinhas. A horta e o pomar. As jaqueiras e mangueiras centenárias. E mostrou também um sistema de produção de hortaliças junto com galinhas, que técnicos trouxeram... São as chamadas "tecnologias sociais"... que são lindas na TV, mas raramente funcionam na realidade porque não existe uma "tecnologia" padrão que sirva para todos os agricultores familiares. Cada realidade é uma realidade. E diferentes tecnologias, criadas localmente, são necessárias para resolver seus diferentes desafios. Não há como criar um pacote mágico que possa ser vendido em todo canto a toda pessoa. Isso é o mesmo que reproduzir o sistema ao qual se deseja criar alternativas. A flexibilidade é a regra da agricultura familiar. A criatividade, a habilidade fundamental para a sua reprodução social, cultural e econômica.

Seu Geraldo parou diante de uma mudinha de fava e me disse que ali havia plantado milho. "Plantei milho



junto com a fava, mas não nasceu". Cavou a terra e encontrou a semente de milho que não nasceu. Contou-me então que as sementes haviam sido distribuídas pela Emater e que aconteceu o mesmo com todos do assentados que a receberam. Não nasceu. Que semente será essa que perdeu a sua função fundamental de nascer? Uma semente pré-morta! Isso me cheira a contaminação por transgênicos, ainda que o terminator (gene inserido nas plantas para que suas sementes sejam estéreis) sejam ilegais. Lembremos que já havia milhões de hectares de soja transgênica no sul do Brasil muito antes de ter sido legalizado o seu plantio. Ou terá sido uma dose letal de alguma radiação para evitar os insetos? Quando eu estava na faculdade, havia quem fizesse esse tipo de pesquisa. De qualquer maneira, me deixa estarecida a criação intencional de cultivos estéreis. Principalmente quando se trata de espécies como o milho, de cruzamento aberto, polinizadas pelo vento. Isso significa que seu pólen voa longe e poliniza qualquer pé de milho que esteja florindo naquela região. Já pensou se pólen de milho transgênico com terminator começa se espalhar por aí... teremos muitos Senhores Geraldos espantados diante de uma semente que não germina. De qualquer maneira, o estrago está feito. Mesmo que a comunidade toda consiga sementes novas, terá perdido a melhor hora do plantio. Na agricultura, não se pode perder o timing das coisas. Plantar na hora certa é fundamental. Plantar atrasado já significa risco e quebra de safra. A menos que você tenha muito dinheiro e não se importe com a sustentabilidade do seu modo de fazer agricultura. Nesse caso você pode colocar um sistema de irrigação e fingir poder controlar a natureza. A irrigação é responsável pelo consumo de 70% da água doce do nosso país. Os números são totalmente nonsense. Irrigação de pastagens que consomem 1.400 a 4.200 litros por hora por hectare, sistemas de irrigação de videiras ao ritmo de 36.000 litros por hectare por dia até a recomendação de sistemas que utilizam até 80.000 litros de água por hectare para o semi-árido... justamente onde a água deveria ser tratada com mais responsabilidade ainda! Pouco da imensa quantidade de água tirada da terra com alto consumo de energia realmente é utilizada pelas plantas. Boa parte é perdida, levada pelo vento graças à ineficiência dos sistemas de irrigação atualmente utilizados e parte que corre para baixo no relevo, carregando consigo a terra exposta. É a famosa erosão, que tem sido responsável pela perda de

qualquer coisa entre 10 e 20 tonelada de solo por hectare das nossas terras cultivadas. Os mananciais subterrâneos estão se esgotando em ritmo alarmante. A irrigação, da forma como tem sido feita pelo agronegócio, é um saque ao patrimônio da humanidade e ameaça o futuro da nossa espécie. Na Arábia Saudita, há imensas regiões antes agricultáveis graças à irrigação que hoje estão abandonadas pelo esgotamento da água. Além do mais, poucos são os agricultores familiares assentados da reforma agrária que dispõem de sistemas de irrigação.

Perguntei a Seu Geraldo se eles não tinham suas próprias sementes de milho. Não. Teriam que procurar alguma. Quando o agricultor perde a sua semente, perde sua liberdade. O ser humano sabe fazer máquinas e computadores e tantas e tantas coisas... mas ainda não sabe e provavelmente jamais poderá fabricar um gene que foi extinto. Não podemos simular tão fácil processos evolutivos que levaram milhares de anos para acontecer. Se fizermos isso, certamente teremos que pagar um preço muito alto por isso. Perder uma variedade de uma planta cultivada é dramático. Pode ser que aquela fosse a única capaz de se adequar perfeitamente àquele lugar ou capaz de produzir em determinadas condições extremas.

É esse o momento da nossa história. A iminência de perdermos nossas sementes, a base da vida, devido à ganância e sede de poder. Algo a fazer? Claro! Como consumidores, nosso papel é o de valorizar a diversidade. Deixemos de desejar frutas, verduras e legumes enormes, reluzentes e padronizados e nos entreguemos à variedade de cores, formatos e tamanhos dos produtos crioulos, selecionados localmente pela agricultura familiar. Vamos abandonar os hipermercados e vamos para as feiras comprar diretamente de quem produz. Vamos dar os meios para que agricultores e agricultoras familiares possam continuar a cuidar das nossas sementes como vêm fazendo há tanto tempo! A reprodução da agricultura familiar também depende de cada um de nós. E Brasília é o lugar! Aqui temos mais feiras agroecológicas por habitante do que em qualquer outro lugar. Faça da sua feira um momento de militância agroecológica e responsabilize-se também pelo futuro da nossa espécie.

*Helena Maltez é jardineira agroflorestal e mantém o blog <http://www.buniting.blogspot.com/>. Também recebeu o Prêmio Tuxaua Cultura Viva do Ministério da Cultura.



Teia de Thea inaugura bazar dedicado a Arte da Deusa



Desde a noite de Samhain, em 31 de outubro, a Teia de Thea iniciou uma exposição de peças de arte e artesanato dedicados à Grande Mãe e à conexão com o sagrado feminino. Os objetos são fruto do talento e da criatividade das sacerdotisas da Teia de Thea que amorosamente teceram, bordaram e pintaram artefatos como Deusas de pano, amuletos da Deusa, filtros dos sonhos, marcadores de livros e bordados diversos.

Ao final de cada ritual, os trabalhos são expostos e colocados à venda no refeitório do Gandhi, na Unipaz, onde tradicionalmente servimos a sopa após as celebrações públicas. Parte da renda será destinada à construção do templo da ALCATEIA, espaço que será dedicados aos encontros e rituais da Teia de Thea e do clã Lobos do Cerrado.

Não deixe de prestigiar a arte das mulheres artistas Monica Araujo, Viviane Carvalho, Rachel Mortari, Dani Andrews, Eugênia Lacerda, Isabel Fonseca, Fernanda Sampaio, e Regina Valéria!



Através da arte

Honramos e celebramos a Deusa.

Homenageamos aqueles que viveram antes de nós.

Perpetuamos o legado de nossas Ancestrais.

Agradecemos as mãos sábias e muitas vezes calejadas

Pelos ensinamentos passados de geração em geração

Reverenciamos a Grande Mãe!

Honramos os antepassados!



As Matriarcas das 13 Lunações*

Nesta Edição do Deusa Viva trazemos a canção "Ciranda Bossa Nova", de Mônica Fonseca**, dedicada à Matriarca da Décima Primeira Lunação: Mãe Guardiã da liderança e dos caminhos. Aquela que anda com firmeza.

Ciranda Bossa Nova

A vida me leva numa ciranda
Nas ondas do mar
Num vai-e-vem que me ensina
A hora de ir, de voltar

A vida me embala de mansinho
Ritmo, pulso, coração
Uma dia o silêncio, noutra festa
Lua brilhando, imensidão

Madurar, madurou
Descansar, descansou
A lua girou
A flor se abriu
A cigarra cantou

É agora que eu vou rodar
É agora que eu vou dançar
Brincar leve
Que a vida é um balanço gostoso
Um cirandar



* Para saber mais sobre a Lenda das 13 Matriarcas, consulte os livros "Círculos Sagrados para Mulheres Contemporâneas" e "Anuário da Grande Mãe", ambos de Mirella Faur.

**O CD "Treze Luas" pode ser adquirido na entrada dos rituais da Teia de Thea, na UNIPAZ, ou com a própria artista pelo telefone (61) 9602.7126.



Posta-restante

por Maria Amaziles

Maria,

Com a minha bênção, você abre novamente as portas de sua oficina de trabalho: os mesmos giros na chave, a mesma disposição dos móveis, lãs e linhas, os barulhos conhecidos e, pela janela, a mesma vizinhança. Você sabe que em breve a transportadora de valores vai estacionar, para abastecer o caixa eletrônico. Provavelmente o carro de pamonhas chegará no meio da tarde, e a proprietária da loja em frente vai despilar bom gosto na direção do restaurante exatamente ao meio-dia, buscando a admiração de bancários desansados...

São evidências equivocadas de que seu mundo continua o mesmo. Fuja dessa armadilha! Diga adeus a essas memórias e abraçe o dia virgem que se estende diante de você, vivendo-o plenamente.

Fudesse você observar a tessitura da vida uma oitava além de seu jardim, veria a maravilhosa dança da criação, que em fração de segundos espelha o ciclo de vida-morte-vida, incessantemente. Você verá que a mutabilidade traz consigo a alegria do entendimento, a confiança no fluxo da vida. Observando como o tecido da criação ata e desata os nós, fica mais fácil expressar amor sincero, exercitar o respeito às diferenças, a compreensão. Deixe que o fio mágico da confiança teça o seu olhar em direção aos ciclos da Natureza. As perdas e os vazios se repletam nos invernos rigorosos, os frutos de sua criatividade são irmãos daquelas laranjas boas, que oscilam, generosas e brincalhonas, numa laranjeira qualquer.

E, porque assim é, você também pode alcançar a sabedoria do equilíbrio mirando-se nesse espelho, respeitando os recursos naturais e reconhecendo-lhes a finitude.

Esse é o portal para que você se perceba tecelã da própria jornada. E esse ofício preencherá todo o seu ser com cheiro de mato, com gosto da liberdade!

Em harmonia e equilíbrio,

Aquela que é.

